

1219
15
Regresso dos Deuses.

Esthetica.

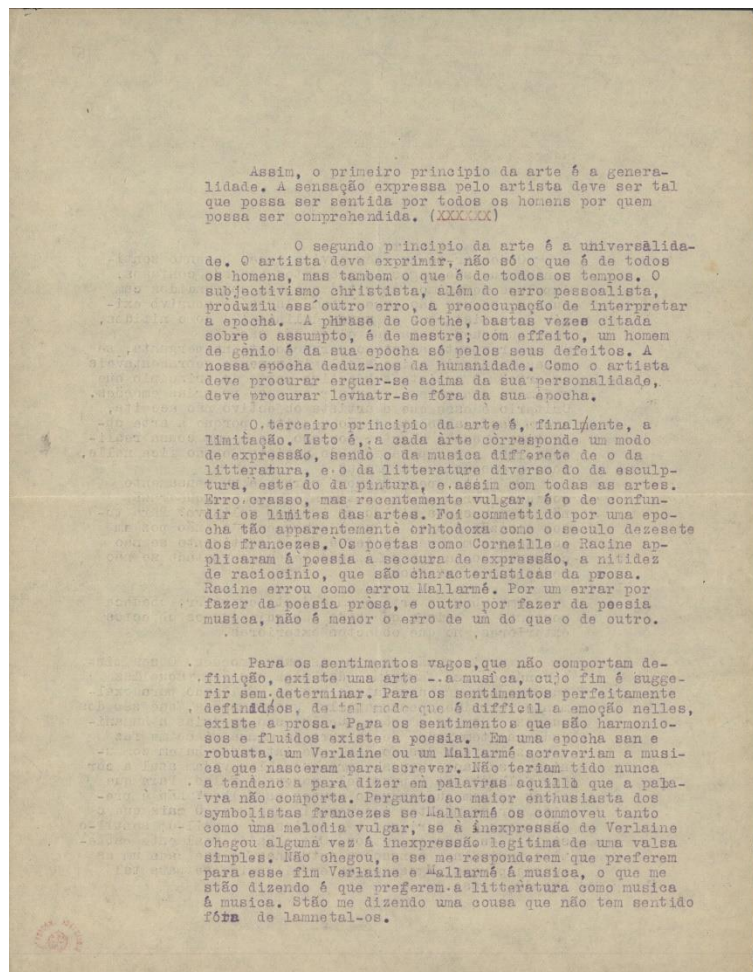
Objectar-se-ha, sem duvida, que, havendo sentimentos que são vagos, pensamentos que são confusos, impulsos do animo ^{/((spirito))\} que, de confundidos com outros, se nos não apresentam claros, é abusivo exigir do artista que os ~~apre~~ delineie (?) como nitidos, como qualquer cousa que elles não são.

A resposta a esta observação stá na pergunta, se esses stados do animo são legitimamente representaveis em arte? O artista subjectivo parte do principio que o fim da sua arte é exprimir as suas proprias emoções. Criterio é esse que o artista objectivo não acceita, e com razão absoluta o não acceita, porque a arte objectiva é que é a arte, porisso que é uma cousa realizada, que passa para fóra do artista, e não fica nelle, como a emoção que a produz.

De feito, perguntemos, porque é um pensamento confuso, porque é um sentimento vago, porque razão não se apresenta nitido um impulso volitivo? Para todos a razão é uma: é que o pensamento se não poz em contacto com a realidade, é que o sentimento se não comparou com a sua realização, é que a vontade se não mediu com o exterior. (xxxxxxxxxxxxx)

Uma obra de arte é um objecto exterior; obedece portanto ás leis a que stão subordinados os objectos exteriores, no que objectos exteriores.

O artista não exprime as suas emoções. O seu mistér não é esse. Exprime, das suas emoções, aquellas que são comuns aos outros homens. Fallando paradoxalmente, exprime apenas aquellas suas emoções que são dos outros. Com as emoções que lhe são proprias, a humanidade não tem nada. Se um erro da minha visão me faz vêr azul a côr das folhas, que interesse ha em communicar isso aos outros? Para que elles vejam azul a côr das folhas? Não é possível, porque é falso. Para que elles saibam que eu vejo azues as folhas? Não é preciso porque não tem importancia nenhuma. O mais que o phenomeno é é curioso, e o curioso é sentil-o; sentil-o sinto-o eu, não os outros. O que ha de realmente esthetico, pois, nas sensações extranhas, é que cada um as guarde para si, gosando-as em silencio, se para tal lhe dá o goso.



Assim, o primeiro principio da arte é a generalidade. A sensação expressa pelo artista deve ser tal que possa ser sentida por todos os homens por quem possa ser compreendida. (xxxxxx)

O segundo principio da arte é a universalidade. O artista deve exprimir, não só o que é de todos os homens, mas também o que é de todos os tempos. O subjectivismo christista, além do erro pessoalista, produziu ess'outro erro, a preocupação de interpretar a epocha. A phrase de Goethe, bastas vezes citada sobre o assumpto, é de mestre; com effeito, um homem de genio é da sua epocha só pelos seus defeitos. A nossa epocha deduz-nos da humanidade. Como o artista deve procurar erguer-se acima da sua personalidade, deve procurar levantar-se fóra da sua epocha.

O terceiro principio da arte é, finalmente, a limitação. Isto é, a cada arte corresponde um modo de expressão, sendo o da musica differente de o da litteratura, e o da litteratura diverso do da esculptura, e assim com todas as artes. Erro crasso, mas recentemente vulgar, é o de confundir os limites das artes. Foi commettido por uma epocha tão apparentemente orthodoxa como o seculo dezesete dos francezes. Os poetas como Corneille e Racine applicaram á poesia a seccura de expressão, a nitidez de raciocinio, que são characteristics da prosa. Racine errou como errou Mallarmé. Por um errar por fazer da poesia prosa, e outro por fazer da poesia musica, não é menor o erro de um do que o de outro.

Para os sentimentos vagos, que não comportam definição, existe uma arte - a musica, cujo fim é suggerir sem determinar. Para os sentimentos perfeitamente definidos, de tal modo que é difficil a emoção nelles, existe a prosa. Para os sentimentos que são harmoniosos e fluidos, existe a poesia. Em uma epocha san e robusta, um Verlaine ou um Mallarmé screveriam a musica que nasceram para escrever. Não teriam tido nunca a tendencia para dizer em palavras aquillo que a palavra não comporta. Pergunto ao maior entusiasta dos symbolistas francezes se Mallarmé os commoveu tanto como uma melodia vulgar, se a inexpressão de Verlaine chegou alguma vez á inexpressão legitima de uma valsa simples. Não chegou, e se me responderem que preferem para esse fim Verlaine e Mallarmé á musica, o que me estão dizendo é que preferem a litteratura como musica á musica. Stão me dizendo uma cousa que não tem sentido fóra de lamental-os.

DIREITOS ASSOCIADOS

O trabalho MODERNISMO - Arquivo Virtual da Geração de Orpheu de <https://modernismo.pt/> está licenciado com uma Licença [Creative Commons - Atribuição-NãoComercial-CompartilhaIgual 4.0 Internacional](https://creativecommons.org/licenses/by-nc-sa/4.0/).